Arábia santa-marienses: A saga dos imigrantes sírios e libaneses em Santa Maria / RS (1890 a 1930)

Júlio Bittencourt-Francisco[1]

Introdução

O capítulo trata da história da imigração de sírios e libaneses em Santa Maria, entre o fim do século XIX e o início do século XX. Levantamos aqui a origem desses imigrantes, os motivos que os levaram a emigrar e o modo como chegaram ao Brasil, ao Rio Grande do Sul e à cidade de Santa Maria, mas sobretudo a razão de terem escolhido o centro do estado para fincar os empreendimentos que desenvolveram**,** incluindo suas principais contribuições para a sociedade santa-mariense.

A centralidade geográfica de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, entre o litoral e a fronteira oeste, mas também entre os quadrantes sul e norte, favoreceu sua economia, e, não por acaso, tornou-se, durante muito tempo, a sede da Viação Estrada de Ferro Rio-Grandense. Esta realidade econômica, aliada a 'novas colônias', atraiu muitos imigrantes árabes, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Absorveu ainda outros 'patrícios', especialmente os que estavam no sul do estado, afetados pelo esvaziamento econômico com a crise financeira e da produção de charque.

Em Santa Maria, eles traçaram suas estratégias de inserção e adaptação na região. O comércio representou a principal atividade do grupo, o que lhes proporcionou escapar do desemprego e, em muitos casos, alcançar considerável prosperidade. Agindo individualmente, mas cooperando em bloco com outros patrícios, eles iniciaram um movimento de ascensão social que observamos, até a atualidade, em seus descendentes.
No sul do Brasil, os sírios e libaneses não são tão numerosos como em São Paulo ou no sudeste do país, de forma geral, e mesmo em estados do norte, nordeste e centro-oeste do Brasil, regiões onde eles são, muitas vezes, ao lado dos portugueses, os únicos imigrantes (Lamarão, 2007). No Rio Grande do Sul, tiveram de enfrentar um desafio que não encontraram em outras partes do país. No estado sulino, eles não eram os únicos imigrantes, e a competição para conseguir um lugar ao sol foi uma realidade, principalmente por causa de outros comerciantes, muitos deles imigrantes alemães, portugueses ou italianos que haviam chegado e ali se estabelecido anteriormente.

Esses primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil de forma espontânea, e ao Rio Grande do Sul quase que por acaso, não tiveram tempo de organizar uma memória escrita do grupo, pois a luta pela vida os impediu de organizar suas histórias de forma

[1] Doutor em História pela PUCRS, mestre em Memória Social pela UNIRIO e professor da UFRGS.

sistemática, como foram as de outras levas migratórias mais numerosas. Isso dificultou o acesso às fontes de pesquisa sobre a trajetória dos sírios e libaneses no estado gaúcho, tornando-se essa tarefa um desafio para o pesquisador. Para esses imigrantes, somente depois de superada a fase de estabilização econômica, seus esforços se concentraram na fundação de entidades de assistência e clubes étnicos. Isso favoreceu a sistematização da memória do grupo, que passou a contar com fontes de pesquisa mais organizadas e documentadas.

Sendo assim, recorremos a todas as fontes possíveis para elaborar este capítulo. Utilizamos revisão da escassa bibliografia existente, pesquisamos em arquivos públicos e periódicos gaúchos, mas foram as entrevistas com descendentes de imigrantes que enriqueceram este trabalho. A novidade que trazemos aqui é o enfoque local sobre uma leva migratória minoritária, mas que, embora pouco estudada, foi, e ainda é, importante no desenvolvimento econômico e na formação étnica e cultural da cidade de Santa Maria.

Na terra de origem: o que levou à emigração

Na virada para o século XX, grandes levas de emigrantes árabes se deslocaram das províncias otomanas da Síria, Palestina e Monte Líbano e se estabeleceram nas Américas, mas também na África e na Oceania. Muitos deles haviam partido com a intenção de angariar algum dinheiro e voltar às suas terras de origem. Esses emigrantes eram, em sua maioria, libaneses maronitas, ortodoxos gregos e sírios católicos greco-antioquinos (melquitas). Em menor número, eram muçulmanos e judeus vindos do Oriente Médio. Observa-se também que a maioria era de jovens solteiros, semianalfabetos e com pouco ou nenhum capital. Além desses, em menor número, havia médicos e intelectuais que deixaram suas terras em busca de novas oportunidades, assim como famílias inteiras que venderam seus bens para emigrar.

No início do século passado, os esforços do Império Otomano para manter a hegemonia em suas províncias árabes, através de reformas de caráter político-confessional, precipitaram sobremaneira a continuidade da saída de cristãos da Grande Síria.[2] Além disso, a aproximação do conflito mundial (1914-18) e a decisão dos turcos de recrutar cristãos para seus exércitos aumentaram ainda mais a saída dessas populações em direção a outros países, especialmente Estados Unidos, Brasil e Argentina.

[2] Denominação dada à província otomana da Síria que incluía os atuais países Síria, Líbano e Palestina.

Diversos autores creditam à educação religiosa de jovens sírios e libaneses, patrocinadas por escolas cristãs e missões religiosas do Ocidente instaladas no Oriente Médio, o fato de elas terem inculcado no imaginário cultural da classe média valores ocidentais que predispuseram esses jovens a emigrar. (Hourani, 2006) Muitos intelectuais sírios e libaneses, por sua vez, formados nessas escolas, diante da impossibilidade de se tornarem profissionais liberais em seus países, e dos obstáculos a sua incorporação à administração muçulmana, também preferiram emigrar em busca de melhores oportunidades de vida. Outros fatores também se somaram à decisão de partir: instabilidade financeira, guerras e conflitos étnico-religiosos e uma grande densidade populacional na região.

Segundo André Gattaz (2015), as motivações que levaram os árabes a emigrar durante a dominação turco-otomana entre 1880 e 1920, ano da repartição anglo-francesa das províncias otomanas, foram basicamente as seguintes:

> O século XIX presenciou importantes mudanças no contexto econômico e social das províncias árabes do Império Turco-Otomano. De um modo geral houve aumento da agricultura em detrimento do pastoreio, com a consequente diminuição do nomadismo e aumento da urbanização. Os portos também se desenvolveram após a abertura do Canal de Suez (1869) e a infraestrutura da região foi alterada com a presença de serviços públicos financiados e operados por empresas europeias. Houve ainda um grande crescimento populacional, porém sem melhorias no padrão de vida, a não ser para os setores superiores das populações urbanas, ligadas ao governo ou aos setores em expansão da economia (GATTAZ, 2015, p.70).

Na Síria, os cristãos, em minoria numérica, passaram a ser vistos com desconfiança pelos muçulmanos no contexto de decadência do Império Otomano, o que também gerou conflitos e favoreceu a emigração. Após a saída dos turcos e a continuação do regime colonial, agora sob o domínio francês, a principal motivação que impeliu os sírios e libaneses a deixar seus países foi a indefinição política. De acordo com Thibaut (2009), líderes cristãos e muçulmanos tentaram, na época, encontrar uma fórmula consensual de divisão do poder no Líbano e na Síria, mas a evolução do componente demográfico entre as diferentes comunidades confessionais libanesas terminou por inviabilizar a iniciativa. Considerada uma das principais causas das crises políticas do país, ela também terminou por gerar expressivos deslocamentos de sua população.

Por exemplo, no Líbano, o contingente maronita cresceu mais do que o de outras etnias, passando a ser maioria em um coletivo multiétnico. Por consequência, reivindicava a maior parte do poder, o que gerou grandes conflitos, levando muitos maronitas libaneses a procurarem melhores condições de vida fora do país.

Os dois períodos dos conflitos mundiais registram um declínio, de modo geral, nos fluxos migratórios que só seriam retomados no início da década de 1950 (palestinos), na década de 1970 (libaneses) e, mais recentemente, já no século XXI, com os sírios, devido à guerra civil no seu país.

Os sírios e libaneses no Brasil

Os imigrantes de primeira geração, que vieram no bojo de uma imigração de caráter espontâneo, entraram no Brasil no período que vai de 1870, quando se inicia o forte deslocamento internacional de sírios e libaneses, até 1914. Cabe destacar que essa onda migratória foi constituída, em grande parte, por indivíduos que não escolheram o Brasil como destino precípuo de sua migração, conforme Fígoli e Vilela (2004) detalham abaixo:

> De fato, em primeiro lugar, temos aqueles indivíduos que, por razões sanitárias, não foram aceitos pelos Estados Unidos e foram desviados para o Brasil, aceito como destino alternativo. Depois, aqueles que chegaram ao Brasil enganados pelas companhias marítimas que com a promessa de levá-los a América do Norte os entregaram na América do Sul, dizendo não haver diferença; ainda, há uns poucos aventureiros que, almejando vir para a América, não se importavam em que país iriam aportar; e, por último, por um número pequeno que veio intencionalmente ao Brasil, pois detinham informações que os levaram a tomar a decisão de migrar diretamente para o país. (FÍGOLI &VILELA, 2004, p.6)

No período da I Grande Guerra, poucos foram os sírios e libaneses que puderam deixar seus países. Mais tarde, entre 1920 e 1930, a imigração experimentou uma flutuação anual entre mil e cinco mil indivíduos, alcançando um pico de 7.308 em 1926. Neste período, destaca-se uma segunda geração de imigrantes sírios e libaneses, caracterizada como uma migração em massa para o Brasil, escolhido como destino em virtude das notícias obtidas junto aos primeiros imigrantes. Essa geração contou, em sua maioria, com uma rede social (*social network*) ampla e estruturada, constituída por conhecidos e parentes já inseridos, mesmo que em alguns casos de forma precária, no meio social e econômico, rural ou urbano do país. Essa rede ofereceu ampla assistência para o estabelecimento dos recém-chegados – moradia, obtenção de trabalho, aprendizado da língua, entre outros recursos vitais para a sobrevivência no novo local.

A depressão econômica dos anos 1930 e a adoção, pelo Brasil, do sistema de quotas para entrada de imigrantes, contudo, reduziram a imigração a níveis bastante baixos. Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, esse número caiu ainda mais (Knowlton, 1961).

A imigração e os sírios e libaneses no Rio Grande do Sul

O estado gaúcho se destaca pela forte marca migratória, principalmente a europeia. Açorianos e alemães foram os primeiros a ocupar seu território no início do século XIX, seguidos por italianos e poloneses nas últimas décadas do século citado**.** O grosso da imigração europeia, incluindo a maior parte das levas de alemães, italianos, portugueses, poloneses, espanhóis, russos e austríacos, fixou-se no Rio Grande do Sul entre 1880 e 1920. A maioria desses contingentes migratórios,[3] contabilizados em dezenas de milhares, veio ocupar pequenas glebas rurais, as chamadas colônias, o que tornou o estado sulino um dos poucos casos no país onde o latifúndio dedicado à monocultura praticamente não existia. Prevalecia ali a pequena propriedade familiar, comercializando seus excedentes agrícolas, que viria a se tornar o berço do cooperativismo no país e que, posteriormente, pelo acúmulo da produção de matéria-prima, faria do Rio Grande do Sul um dos estados pioneiros na industrialização no Brasil (Herrlein Jr., 2004).

Diferentemente do restante do país, onde a imigração árabe deve muito aos portos de Santos e do Rio de Janeiro, essa corrente migratória foi fortemente influenciada, em terras gaúchas, pela proximidade com os países platinos. Com efeito, já na virada para o século XX, o Rio Grande do Sul dispunha de uma rede de ferrovias que ligava a capital, Porto Alegre, às cidades do sul do estado, facilitando a chegada ao Uruguai e à Argentina. Além disso, havia ligações marítimas e fluviais com aqueles países (Francisco, 2020).

Os sírios e libaneses já estavam presentes, em grande número, no Uruguai e na Argentina devido ao forte desenvolvimento econômico que esses países experimentavam naquela época. Havia mesmo uma saturação de mascates árabes no Uruguai, a tal ponto que o governo local chegou a proibir o desembarque de "asiáticos" em Montevidéu, em 1890 (Oddone, 1966). Na Argentina, houve um quebra-quebra em Buenos Aires, em 1914, promovido por cerca de 500 árabes, em protesto contra o desemprego.[4]

Evidentemente, levando-se em conta esse cenário, o Rio Grande do Sul atraiu muitos desses imigrantes que, inclusive, podiam se deslocar a pé através da fronteira

[3] Junto aos luso-brasileiros, foram levados ao Rio Grande do Sul, desde o fim do século XVII, os escravizados negros, os quais podemos chamar de 'imigrantes forçados'. Eles foram trazidos em grande número para trabalhar nas charqueadas do sul do estado e, segundo Saint-Hilaire (1987), perfaziam metade da população da província em 1820, que era de 110 mil habitantes. Sabemos que os indígenas guaranis e tupis já estavam no território muito antes de qualquer europeu ou africano, no entanto, para nossos fins, fazemos apenas essa ressalva.

[4] Essa informação foi retirada de uma nota publicada no jornal porto-alegrense *A Federação*, datada de 29 de setembro de 1914.

seca com o Uruguai, chegando a Bagé, Jaguarão ou Livramento, ou deslocar-se de barco até o porto de Rio Grande, ou ainda, por via fluvial, desde Buenos Aires ou Montevidéu, aportando em Uruguaiana e São Borja, na fronteira com a Argentina. Saindo de todas essas localidades, desde as últimas décadas do século XIX, já havia ligação ferroviária com a cidade de Santa Maria.

Os imigrantes vindos do Oriente Médio, libaneses e sírios (além de palestinos), começaram a chegar ao Rio Grande do Sul em maior número a partir de 1890, juntamente com a maior parte dos outros imigrantes europeus, e são, respectivamente, a sexta e a sétima etnias quantitativamente mais expressivas de imigrantes no estado.[5] Jovens sírios e libaneses, com pouca ou nenhuma instrução e sem qualquer capital, concentraram-se nas cidades maiores e mais prósperas, mas também, em números mais discretos, em municípios menores. (Francisco, 2020).

Segundo o censo de 1920, havia, no Rio Grande do Sul, cerca de 2,5 mil imigrantes árabes e, possivelmente, de acordo com nossas projeções, um número três vezes maior de descendentes já nascidos no estado. Eles se dedicaram ao comércio, primeiramente como mascates, vendendo de porta em porta, depois estabelecidos com pequenas lojas e armazéns. Tal padrão, aliás, mostrou-se reiterado em todo o país, haja vista que muitos desses imigrantes, embora fossem originariamente agricultores, não contavam com tempo ou aporte de capital necessário para se dedicarem à agricultura. Além disso, havia grande diferença entre o tipo de agricultura praticada no Brasil e aquela desenvolvida na sua terra de origem, o que inviabilizava esse tipo de trabalho para eles e acabou por desinteressá-los dessa atividade (Francisco, 2020).

Diferentemente desse componente majoritário, também vieram, em menor número, profissionais liberais formados nas universidades das missões estrangeiras da Síria e do Líbano, médicos[6] e outros profissionais liberais sem perspectiva de emprego, além de jornalistas perseguidos pela repressão otomana e, por fim, famílias inteiras que vendiam seus bens ou joias e já chegavam à terra da imigração com algum capital para investir. Isso ocorria principalmente em locais onde estavam outros patrícios que já haviam se comunicado com eles e passado informações sobre o tipo de comércio que

[5] Depois de Italianos, alemães, portugueses, espanhóis e poloneses.
[6] Um exemplo disso foi a contratação pela *Compagnie Auxiliaire (*Companhia ferroviária belga que atuou no estado) do jovem médico libanês George Naaman, recém-formado pela Universidade Saint Joseph de Beirute, que chegou à Santa Maria no início do século XX para trabalhar atendendo os funcionários da empresa. (Francisco, 2020)

era mais viável, o imóvel a ser utilizado e o capital necessário para sua implementação (Hajjar, 1985).

Revisão da literatura sobre sírios e libaneses em Santa Maria

Quando o regime republicano foi implantado no Brasil, no final de 1889, as melhores áreas de terras colonizáveis no Rio Grande do Sul já estavam saturadas de imigrantes. No final do século XIX, quando restavam apenas minguadas faixas de terras para ocupar, correntes migratórias de outras nacionalidades chegaram ao estado e foram ocupar as chamadas "Colônias Novas". É nesse contexto que se inserem, no interior do Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes árabes a se fixarem em Santa Maria, juntamente com alemães e italianos.

Analisando a literatura memorialista de Santa Maria, encontramos uma publicação onde o autor Romeu Beltrão enumera uma série de nomes de famílias de imigrantes sírios e libaneses radicados em Santa Maria e arredores. Na obra "Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787-1930", lançada em 1979, Beltrão conta que, desde 1884, quando foi inaugurado o trecho da linha férrea ligando Santa Maria a Cachoeira do Sul, a cidade já contava com o benefício oriundo da existência de vias férreas e sua ligação com São Paulo, o que se revelara essencial para o abastecimento de comerciantes e mascates.

A professora Neida Morales, autora de uma dissertação de mestrado sobre sírios e libaneses em Santa Maria, atesta que a cidade se tornara atraente para comerciantes urbanos, como os sírios e libaneses, "devido à dotação satisfatória de estradas e meios modernos para transportar passageiros e mercadorias". (MORALES, 2004 p.71). O trabalho da autora fornece uma ideia do tamanho da colônia sírio-libanesa na cidade por volta de 1914. Citando um cronista local de nome Hoifmeister, Morales informa que havia, em Santa Maria, cerca de 60 famílias árabes, totalizando de 250 a 300 membros, muitos nascidos no local. Escrevendo para a *Revista Comemorativa do Centenário de Santa Maria (1814-1914)*, Hoifmeister elabora uma curiosa digressão sobre a "raça árabe":

> Se tomarmos em conta que os primeiros chegaram em 1890 ou 1891, isto é, há 23 ou 24 anos atrás, e que apenas faleceram aqui cinco árabes, mortalidade bem pouco elevada, fato que vem afirmar a excelência de nosso clima, ao qual essa raça se adapta perfeitamente, e a resistência própria dos árabes, que são, na maioria, indivíduos fortes altos, de estatura bem constituída. (HOIFMEISTER *apud* MORALES, 2004, p.19).

História oral de sírios e libaneses em Santa Maria

Para ilustrar este capítulo, incluímos abaixo um pequeno trecho da entrevista que fizemos com Habib Abduche, filho de um imigrante sírio nascido na Antióquia, hoje território da Turquia. O depoimento de Habib Abduche foi tomado pelo autor em 16 de janeiro de 2003. Abaixo, seguem alguns trechos dessa entrevista.

> "O meu nome é Habib Abduche, eu nasci em 10 de outubro de 1927, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, meu pai se chamava Jamil Abduche e minha mãe Mariana Chami Abduche, eles emigraram da Antióquia, na Síria, para o Brasil, meu pai veio em 1921 e minha mãe em 1924. Eles se conheceram aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul e se casaram em 24 de dezembro de 1926. Lá em Santa Maria nós tínhamos duas lojas de tecidos, uma loja de artigos muito finos, a melhor loja da cidade em artigos finos e meu pai tinha uma casa de retalhos, que na época foi uma novidade na cidade. Passamos lá um período, em 1932 nós viemos para o Rio [de Janeiro], depois voltamos para lá e em 1944. (FRANCISCO, 2022, p.232)

Para comprar diretamente das fábricas,

> Habib: "Meu pai ia duas ou três vezes por ano a São Paulo para adquirir mercadorias, além da visita dos viajantes, que iam lá visitar a cidade com outros comerciantes, mas tínhamos que sempre ir ao mínimo duas ou três vezes por ano a São Paulo para comprar diretamente das fábricas, porque as indústrias têxteis, de confecção, são até hoje quase todas pertencentes a descendentes de árabes, São Paulo sempre foi um foco industrial". (FRANCISCO, 2022, p.232)

Eu estudei no Colégio Marista, embora [eu seja] de origem Ortodoxa:

> Habib: "Como eu lhe falei, em Santa Maria, as duas lojas eram na rua principal, primeira quadra, ao lado da praça, que foi inclusive... na primeira vez que fizeram asfalto na cidade foi naquela quadra. Ficou aquela quadra sendo chamada de *primeira quadra* e o movimento em casa era grande. Eu tive educação religiosa porque eu estudei no Colégio Marista, embora de origem ortodoxa, mas quando meus pais se casaram, no interior do Rio Grande do Sul, não tinha outra confissão, era uma confissão cristã". (FRANCISCO, 2022, p.233)

Procuramos ainda por um descendente do pioneiro libanês Antônio Achutti. Encontramos, na capital, o médico aposentando Aloyzio Achutti, que nos deu o seguinte depoimento:



"Meu pai Bortolo Achutti dizia que o meu avô Antônio Mansur Achutti, havia nascido em 18 de janeiro de 1869, na cidade de Beirute, junto à baia de *Junin*, no Líbano. Ele teria vindo para o Brasil no século XIX, mais ou menos no fim da década de 1880 ou no início dos anos 1890. Era solteiro e consta que tinha 17 anos e, se assim foi, deveria ter por aqui chegado em 1887, antes da Proclamação da República. [Veio] acompanhando seu irmão mais velho José, que já era casado e deixara temporariamente mulher e filhos em sua terra natal. (...) Meu avô tinha mais dois irmãos, Maron e Maria, que chegaram ao Brasil mais tarde, na década de 1890. Segundo meu pai, eles teriam vindo, a mando da mãe, para buscar de volta os dois que chegaram primeiro e que teriam vindo somente para "fazer a América", juntar algum dinheiro e

> retornar para casa. Meu avô, durante toda a vida, se culpava por não ter voltado para rever a mãe, que morreu sozinha no Líbano, pois os filhos optaram por ficar no Brasil. (ACHUTTI, [2012]).

Aloyzio conta que seu avô Antônio chegou a Montevidéu "onde desembarcou e, em contato com patrícios, conseguiu caixas de mascate cheias de mercadoria, prosseguindo a pé em direção a Porto

Antônio Marsur Achutti,(*circa* 1890). Foto do acervo de Aloyzio Achutti

A'. (Achutti, [2012]). A história de Antônio Mansur Achutti é idêntica à de outros imigrantes árabes que entraram no Rio Grande do Sul vindos do Uruguai, quando muitos chegavam do país vizinho a pé. De acordo com o autor: "[Eles] vendiam seus produtos nas sedes de fazendas e vilarejos até terminar a mercadoria". Aloyzio Achutti prossegue o seu relato:

> Meu avô e o irmão dele, José, depois de um tempo em Porto Alegre, foram para Santo Ângelo (Missões), onde abriram um comércio, mas por causa da Revolução de 1893 tiveram que abandonar a região às pressas. Os dois retornaram de carroça. José se radicou em São Pedro do Sul; Antônio, em Santa Maria, onde nasceria Bortolo, pai de Aloyzio. Continua seu depoimento: "É interessante que, pelo que eu entendi, eles aqui chegaram sem saber falar português e sem saber escrever com nossos caracteres, o que não os impediu de negociar e ir aprendendo a língua, enquanto iam juntando dinheiro para sobreviver, e depois se tornarem comerciantes até abastados". (ACHUTTI, [2012]).



Antônio Mansur Achutti e seu filho Elias na sua loja (*circa* 1920) localizada na esquina das ruas Venâncio Aires e André Marques, em Santa Maria/RS. Foto do acervo de Aloyzio Achutti.

um Dr. Achutti representa a terceira geração de um imigrante árabe, ou seja, ele é neto de um libanês. Entretanto, seu avô, Antônio, casou-se com uma descendente de italianos, e seu

pai, Bortolo, com uma descendente de alemães. Assim, podemos imaginar a riqueza cultural herdada por Aloyzio, mas também de outros descendentes de imigrantes, em termos de experiências linguísticas, gastronômicas e de histórias familiares, o que implica um grande senso de pluripertencimento, tanto pela diversidade cultural, como também pela diferença étnica e religiosa, só possível sob a égide da interculturalidade (Elhajji & Gonçalves, 2022), uma forte marca de Santa Maria.

A sociabilidade dos sírios e libaneses em Santa Maria

Em Santa Maria, por iniciativa própria, os imigrantes árabes fundaram o Clube Sírio-Libanês, em 1933. Seus principais líderes foram Felippe Monaiar, Jorge Sarkis, Felippe Bastane e Antônio Hajjar Seade (Morales, 2004). De acordo com a autora, os sócios do Clube Sírio-Libanês de Santa Maria, em consonância com seu estatuto, se dividiam em várias categorias: fundadores, contados em número de 65 pessoas, com direito a voto; contribuintes, que somavam 39 associados, sem direito a voto; sócios honorários; sócios efetivos, os nascidos na Síria ou no Líbano; e sócios correspondentes, em número de 30, os que residiam fora dos limites do município.

Ainda de acordo com Morales, "no período entre 1934 e 1935, o número de sócios contribuintes teve significativo aumento, pois foram registrados 131 associados nessa categoria" (MORALES, 2004 p.155-156). Em 1937, o Clube Sírio-Libanês de Santa Maria passou a contar com a participação de mulheres, somadas inicialmente em número de doze (Morales, 2004). Em sua obra, a autora faz, referência a um ponto que se tornou central na discussão sobre os clubes étnicos árabes no Rio Grande do Sul: a dicotomia entre libanês e sírio em suas relações sociais. No caso de Santa Maria, esse assunto foi enfrentado de forma pragmática e sem conflitos. Em 1939, a entidade social passou a chamar-se Clube Libanês Brasileiro. De modo contraditório, eliminou de sua designação a referência à Síria, mas baniu de sua bandeira a figura verde do cedro, alusão iconográfica ao Líbano. "O cedro era símbolo estrangeiro, incompatível com a norma constitucional da época. A inclusão do gentílico 'brasileiro' no novo nome da entidade reforçou a ideia de integração" (MORALES, 2004 p.160).

A agremiação, que iniciou suas atividades sob a mais plena união entre os imigrantes e seus descendentes, assim permaneceria ao longo do tempo, uma vez que a retirada da referência à Síria do nome do Clube aparentemente não causou grandes controvérsias, tendo sido "encarada pelos sírios como se já fosse algo mais ou menos previsto no artigo 5º dos estatutos da agremiação", no qual já se podiam ver os

elementos “potencializadores da cultura libanesa” (MORALES, 2004, p.160) formados, por exemplo, pela bandeira da entidade, ou seja, as cores vermelha, verde e branca, e pelo símbolo (o cedro). Nas palavras de Morales (2004 p.160),

> a escolha da imagem de um cedro como elemento central da bandeira da entidade sírio-libanesa mostra-se bem significativa, parecendo indicar o predomínio de uma vinculação à cultura libanesa, apesar da duplicidade contida no nome do clube. A referência à Fenícia fornece elementos que se constituem em traços culturais tidos como libaneses, tais como a vocação comercial, adaptação às novas realidades culturais, o caráter aventureiro (o ir mais longe, típico dos navegadores) e uma grande invenção civilizadora: o alfabeto. No entanto, nos lembra da fala de Antun Saadê[7], um intelectual libanês, que foi deputado no Líbano e viveu um tempo no Brasil, e que costumava ironizar a impropriedade existente na possibilidade de aceitar-se como verdadeiro que os limites do Líbano atual correspondam ao território de um país fenício existente há mais de 3 mil anos, traçados como foram numa mesa qualquer de um escritório ‘por um inglês e um francês’. (MORALES, 2004 p.160).

A autora, que é natural de Santa Maria, esclarece que, no início da imigração, “na dinâmica social do grupo, havia equidade entre as forças de aproximação e de afastamento”. No entanto, “o nome designativo do clube definiria, de uma vez por todas, a real identidade à qual a comunidade árabe se sentia pertencer: a identidade libanesa, definida pelo localismo natal e fortalecida pelo nacionalismo daquele período” (MORALES, 2004 p.183).

O Clube Libanês Brasileiro de Santa Maria manteve-se em funcionamento até 1960, quando encerrou suas atividades, transformando-se numa sociedade de caráter cultural.[8] De acordo com Morales, isso teria ocorrido devido ao decréscimo na participação dos associados e ao baixo quórum das assembleias, além das frequentes aberturas dos trabalhos em segunda chamada, o que culminou com uma proposta, que foi aprovada, para sua dissolução. O fechamento do Clube marcou o “fim de uma época e de um símbolo recorrente na memória e para a elaboração identitária de muitas pessoas” (MORALES, 2004, p.188).

---

[7] Lesser (2001 p.114) descreve a vida de Antun Sa’adih como exemplo da trajetória da participação dos intelectuais da colônia na diáspora. “Nascido em uma família de intelectuais gregos ortodoxos do Líbano em 1904, o pai de Antun, o médico Kalil Sa’adih, mudou-se para o Egito e de lá para o Brasil, onde publicou o jornal *Al-jarida*. Antun juntou-se ao seu pai em 1920, em São Paulo, onde se tornou ativista e membro de uma sociedade secreta que visava a união dos povos árabes em torno de uma grande nação árabe unida.

[8] O Clube Sírio-Libanês de Santa Maria passou por diversas fases ao longo de sua trajetória e por mudanças de nome entre o ano de sua criação, em 1933, e 1960, quando houve o câmbio estrutural nos seus estatutos, missão e objetivos. Entretanto, até hoje, mantém-se ativo em Santa Maria como uma entidade recreativa, esportiva e cultural da cidade. Paulo Sarkis, com quem mantivemos contato em setembro de 2022, nos informou que há em Santa Maria a Sociedade Cultural Libanesa, cujo presidente é Jorge Adaime e seus membros cerca de 80 famílias que se reúnem pelo menos uma vez por ano, no Dia Nacional do Líbano (22 de novembro) no restaurante MAAB, de propriedade de Claudio Abelin.

A pesquisa nos arquivos públicos sobre os sírios e libaneses em Santa Maria

Como vimos, a localização centralizada de Santa Maria e a rede ferroviária gaúcha foram importantes para o desenvolvimento do comércio em todo o estado, principalmente em relação a sua conexão com São Paulo no início do século XX. Com o crescimento da ferrovia e das suas conexões, chegaram a Santa Maria muitos imigrantes sírios e libaneses. Jorge Monair[9] foi possivelmente um dos mais importantes atacadistas da região na virada do século XX, fornecendo mercadorias aos mascates árabes em diversas cidades, como Porto Alegre, Júlio de Castilhos, São Sepé, Cachoeira do Sul e Cruz Alta.

Verificando os arquivos públicos de Santa Maria, encontramos, na praça comercial santa-mariense, no início do século XX, nos livros de cobrança de impostos,[10] entre 1902 e 1906, alguns comerciantes árabes devidamente estabelecidos no centro da cidade. Na rua chamada "Linha da Estrada de Ferro", estava Antônio Mansur Achutti, nos números 1385 e 1386, pagando cerca de $350.000 réis de impostos por ano. Na mesma década, encontramos também Jorge Simão, estabelecido com armazém à rua Visconde de Pelotas, e Jorge Namer, com seu comércio de tecidos fincado à rua Barão do Triunfo. Na década posterior, encontramos muitos outros 'patrícios' com endereço na Av. Rio Branco, como, por exemplo, Antônio Curi, com barbearia e loja de fazendas, e Pedro Abelin,[11] com comércio de fazendas e perfumes.

No Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, em uma pesquisa realizada em maio de 2015, encontramos o nome de 33 imigrantes sírios e libaneses, alguns membros de uma mesma família, residentes em Santa Maria/RS entre 1938 e 1946, conforme se verifica no anexo I abaixo.

Conclusão

A história desses imigrantes árabes em Santa Maria não difere muito de sua trajetória em outros lugares do Brasil. É muito provável que tenha ocorrido a chamada

---

[9] Jorge Monair se envolveu em duas ações de cobranças comerciais no fim do século XIX. A primeira em 1895 contra Felipe Curi, em Porto Alegre, e a segunda em 1898, contra Joaquim Elias, em Júlio de Castilhos. Fonte APERS

[10] Pesquisa realizada pelo autor no Arquivo Público Municipal de Santa Maria entre 15 e 18 de agosto de 2022.

[11] Seu filho, Eduardo Abelin, gaúcho radicado em Cachoeira do Sul, onde foi motorista de táxi, tornou-se um dos pioneiros da produção cinematográfica brasileira, existindo, inclusive, um prêmio no Festival de Cinema de Gramado em homenagem a ele, que teve sua vida retratada no filme 'Um Sonho sem Fim', dirigido por Lauro Escorel Filho, em 1986.

imigração em corrente, com elos entre as cidades de Junin, no Líbano, e Santa Maria, no Rio Grande: vizinhos, amigos e parentes sendo puxados pela corrente de lá para cá.

Destaca-se, no caso de Santa Maria, a preocupação desses imigrantes, depois de atingida a estabilidade econômica, no início da década de 1930, com a sociabilidade do grupo, por meio da fundação de um clube étnico. Ali certamente era o lugar onde eles podiam se expressar em língua árabe sem chamar atenção dos brasileiros, mas também promover a interação de seus jovens em um ambiente de lazer, o que certamente proporcionou vários casamentos dentro da etnia, desejo de muitos imigrantes de primeira geração em relação aos seus filhos.

De acordo com alguns descendentes dos primeiros imigrantes com quem tivemos contato para esta pesquisa, é consenso que a cidade recebeu mais libaneses do que sírios. Muitas dessas famílias nos relataram que têm as suas origens na região de Junin, localidade em forma de enseada banhada pelo Mar Mediterrâneo, nos arredores de Beirute, um distrito onde a maioria dos habitantes é católica de confissão maronita. Curioso ressaltar que esta é a mesma região da origem de Antônio Mansur Achutti e de seus irmãos José e Maron, pioneiros que podem ter sido os primeiros a influenciar alguns de seus conterrâneos a perfazerem a mesma trajetória que os levou a Santa Maria, local que escolheram para fincar suas raízes no estado do Rio Grande do Sul.

Apesar da passagem de mais de cento e trinta anos da imigração dos sírios e libaneses em Santa Maria, e mais de sessenta da dissolução do clube étnico árabe da cidade, a marca dessa imigração permanece nos descendentes, que lograram imprimi-la na cultura e na política da cidade, haja vista a importância que alguns cidadãos santa-mariense, descendentes dos primeiros imigrantes, alcançaram na vida pública. Para citar apenas dois casos, referimo-nos aqui ao duas vezes prefeito da cidade José Aidar Farret e ao acadêmico e empresário Paulo Sarkis, ex-reitor da Universidade Federal de Santa Maria.

Referências

ACHUTTI, Aloyzio. Histórias que meu pai contava. Disponível em: http://amicorextension.blogspot.com.br/2012/10/bortolo-achutti-1898-1977.html. Acesso em: 11/09/2022.

ELHAJJI, Mohammed e GONÇALVES, Catarina Casais interculturais entre tradição e tradução: da entrega amorosa à negociação de novos códigos sociais. Revista Ambivalências v.10 nº19 jan-jun, 2022.

FÍGOLI, Leonardo H. G. & VILELA, Elaine M. Migração internacional, multiculturalismo e identidade: sírios e libaneses em Minas

Gerais. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu/MG, setembro de 2004.
FRANCISCO, Júlio B. Imigrantes, Mascates e Doutores. Memória e História Oral de Imigrantes Sírios e Libaneses no Rio de Janeiro. São Paulo: Giostri, 2022.
FRANCISCO, Júlio B. Dos Cedros aos Pampas. Memória da Imigração: Sírios e libaneses no Sul do Brasil. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.
GATTAZ, André. Periodizando a imigração libanesa para o Brasil, 1880-2000 IN: _____ & FERNANDEZ Vanessa (orgs.). Imigrações e imigrantes: reflexões e experiências. Salvador: Pontocom, 2015.
HERRLEIN JR., Ronaldo. A transição capitalista no Rio Grande do Sul. Economia e Sociedade, v.13, n.1 (22), p.175-207, jun.-jul., 2004.
HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
KNOWLTON, Clark S. Sírios e libaneses em São Paulo: ascensão social e mobilidade espacial. São Paulo: Anhembi, 1961.
LAMARÃO, Sergio. A dimensão nacional do processo imigratório dos sírios e libaneses no Brasil: os patrícios no Nordeste. In: JARDIM Denise Fagundes e OLIVEIRA Marco Aurélio Machado de (Org.) Os árabes e suas Américas Corumbá: Editorada Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007.
LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade. São Paulo: Edusp, 2001.
MORALES, Neida Regina Ceccim. Imigração e memória: histórias de imigrantes sírio-libaneses no Rio Grande do Sul. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas), Universidade Federal de Santa de Maria, 2004.
ODDONE, Juan. La formación del Uruguay moderno. Buenos Aires: EUDEBA, 1966.
THIBAUT, Jaulin Démographie et politique au Liban sous le Mandat, Histoire& Mesure. Paris: Edition Ehess, 2009. Disponível em: http://histoiremesure.revues.org/3895. Acesso em: 13.03.2021

ANEXO I

Nome	Data de Nascim	Local de Nasc	Filiação	Residência	Chegada	Idade	Ob
ABELIN, Miguel José	12/02/1886	Síria.	José e Tacla Grabe A.	Rua Manoel Ribas, 2016. Sta. Maria/RS – 1946. R. e E.	1916	30	Co Sa
ABELIN, José	-	-	Antº e Josefina A.	Rua Venâncio Ayres,1302 Santa Maria/RS 1943.	1897	-	Mo Cad Sar
ABELIN, Maria Borges	-	Líbano	Antº e Helena el-Hanan.	Rua Manoel Ribas, 2016 Santa Maria/RS – 1946	1916		Sar
ABELIN, Pedro José	07/03/1883			Av. Rio Branco, 432 Santa Maria/RS – 1945.	1901	18	Sar
ABDUCHE, Maria Chami	16/11/1902	Síria	Elias e Emília Chami	Rua Dr. Bozano Santa Maria, RS R. -1943	1920	18	Sar
ABDUCHE, Jamil	25/03/1902	Síria	Adib e Vitória A.	Rua Dr. Bozano, 684 St. Maria/RS. 1943	1920	18	Sar
BADUE, João Jorge Abu	24/06/1895	Síria	-	Rua Silva Jardim, 784 Santa Maria, RS R. E. 1943.	1913	18	Sar
CALIL, Antoniette Chediac	-	Líbano	-	Rua Dr. Bozano, 1205 Stª Maria/RS.	-	-	Do
CALIL, Francisco	02/03/1899	Síria	Miguel e Nagybe C.	Santa Maria/RS – 1943.	1913	14	Co Ru Sar
CALIL, Jorge Varag	25/04/1887	Síria	Varag e Ana Barbara C.	2º distrito de São Sepé/RS – 1943.	1908	21	Co Ap filh nov
CALIL, Nabiha Seade	10/02/1904	Síria	Abdala C. e Maria Seade.	Rua Floriano Peixoto, 881. Santa Maria/RS – 1946.	1913	9	Do Sar Sar

CECIN, José Tanus	19/05/1883	Síria	Saade e Maria C.	Rua Manoel Ribas, 2024 Santa Maria/RS 1943.	1907	24	Co Sar
CECIN, Nahie Sead	-	Líbano	Feres Sead e Noemia S.	Rua Manoel Ribas, 2024 Santa Maria/RS 1944.	1907 (30.11)	-	Cas Sar
DEQUECH, Simão	25/10/1892	Síria.	Abrahão e Rosa D.	Rua Cel. Neidesauer, 1439 Santa Maria/RS 1943.	1908	16	Co Sar
ELJABEL, Emílio	18/12/1897	Síria	Lulaiman e Aminie E.	Rua Dr. Bozano, 752 Santa Maria/RS 1943.	1909	12	Cas Rua PO de bra
FARRET, Abdo	10/07/1885	Líbano	Salim e Barbara F.	Rua 7 de setembro, 987 Santa Maria/RS 1943	1905	20	Cas set
FARRET, Zahie Bered	25/12/1908	Síria	Haidar e Maria Neffa B.	Rua 7 de setembro o, 987 Santa Maria/RS 1943.	1920	12	Cas de
FARRET, Elias Salim	14/08/1893	Líbano	Salim Muci e Barbara Mothcy F.	Rua Silva Jardim, 1349 Santa Maria/RS R. e E. 1943	1904	11	Apr bat filh esp de
FARRET, Isaias Salim	01/01/1889	Líbano	Salim e Barbara F.	Rua Silva Jardim, 1270 Santa Maria/RS. R. e E. 1946	1935	46	Cas Apr nas em
GRABI, Rajun Mansur Audi	10/04/1878	Síria	Mansur Audi e Tarrus Schimas A.	Rua Manuel Ribas, 2030 Santa Maria/RS 1943.	1893	15	Cas Sar
HARB, Elias João	19/06/1896	Líbano	João e Sada H.	Comercio Município de Bage/RS 1943. Rua Marcilio Dias, 1385 E. POA 1945. Rua São Paulo, 827 São Geraldo POA 1965.	1912	16	Cas filh
HARB, Mary	11/12/1912	Síria	José e Sultani Arabach Hantouch.	Av. Rio Branco, 411 R. Santa Maria/RS 1943.	06/ 1925	17	Cas estu Pas Cer de
HEBELINE, Elias Joussif	24/12/1888	Líbano	Jeussif H e Tacla H.	Rua 7 de setembro, 1002 Santa Maria/RS R. e E. 1943.	15/08/ 1924	38	Sol Sar
KFOURI, Fafronia Smeha	13/08/1898	Síria	Abrahão e Jamile Smeha	Rua Manoel Ribas, 1698 Santa Maria/RS 1946.	1913	15	Cas cer de /RS
NAJAR, Salim	13/09/1905	(Ret.) Abady é Líbano	Mahmoud e Adla Najar	Rua Gal. Canabarro, 71 R. e E. Rosário do Sul/RS 1939 e Rua Floriano Peixoto, 529 R. e comercio à Rua Dr. Bozano, 1178 E. Santa Maria/RS 1961.	13/01/19 28	23	Cas nº1 CIC Cr$ Sar
NASSAR, Maria	15/08/1883	Síria	Elias e Farid Said	Rua Manoel Ribas, 1482 Santa Maria/RS 1946.	20/07/ 1911	28	Viú cer um 09/ Sar
RECHDEN, Genny Bestane	09/03/1903	Líbano	Nagib Bestane e Labibe Rechden	Rua Dr. Bozano, 1292 Santa Maria/RS 1943.	-	-	Viú Sar
RECHDEN, Melhem	03/11/1886	Líbano	João José e Onarda Jurge R.	Rua Dr. Bozano, 661 R. e E. Santa Maria/RS 1942.	1912	26	Viú Rua Sa
RIZK, Isaura	11/04/1880	Síria	Isaac e Sada Busabu	Rua mal. Floriano, 227 R. e E. Santa Maria/RS 1946	01/ 1914	34	Viú cer fil em
SAID, Regina Hadad	07/06/1884	Líbano	José e Maria Hadad	Rua Ernesto Beck, 1649 Santa Maria/RS 1944.	1910	26	Viú
SALTZ, José	18/11/1914	Palestina	Samuel e Fany S.	Praça Colombo, 140 Santa Maria/RS 1943.	1924	10	Cas Sar

SEADE, Antônio	26/05/1899	Síria	Abedalah e Maria A. S.	Av. Rio Branco, 197 R. e E. Santa Maria/RS 1943.	13/11/ 1913	14	Cas con San
SMEHA, Emílio	15/01/1903	Líbano	Abrahão e Jamile	Rua Manoel Ribas, 1698 Santa Maria/RS 1946.	1913	10	Sol a F San